

A PRESENÇA DOS ATRIBUTOS DIVINOS NA PERSONAGEM ASLAM, DA OBRA AS CRÔNICAS DE NÁRNIA, DE C. S. LEWIS.

Vinicius André Alves Soares (IC) e Cristiano Camilo Lopes (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Neste artigo objetiva-se analisar a apresentação dos atributos divinos na personagem Aslam, da obra *As Crônicas de Nárnia*, levando-se em consideração o processo criativo de C. S. Lewis. Para cumprir esse objetivo, discorre-se a respeito do processo criativo do autor concernente a trama do *corpus* de análise, apresenta-se de que maneira a Teologia define os atributos divinos e a sua classificação, analisa-se a maneira e a razão de Lewis atribuir à personagem Aslam tais atributos estabelecendo paralelos com Jesus Cristo apresentado na Bíblia. A análise do *corpus* procedeu com o exame de cotejos de cenas dos livros *O Sobrinho do Mago* e *O Leão, a Feiticeira e o Guarda Roupa* e considerou-se de que maneira os atributos divinos comunicáveis influenciaram os elementos estruturais da narrativa, como tempo, espaço e demais personagens. Refletiu-se a respeito da intenção de Lewis ao escrever a personagem Aslam com tais características, como os atributos divinos comunicáveis devem ser refletidos nos seres humanos e como a literatura ficcional é um bom meio para se ensinar tais características. Também se refletiu, através de diversas citações, como estes aspectos possibilitaram que a obra impactasse e influenciasse leitores e posteriormente, com o lançamento de adaptações cinematográficas das obras, influenciasse também espectadores ao longo dos anos.

Palavras-chave: Atributos Divinos, C. S. Lewis, Crônicas de Nárnia, Aslam.

ABSTRACT

The aim in this article is to analyze God's attributes on Aslan's character, from The Chronicles of Narnia, taking in consideration Lewis' creative process. To accomplish that objective, it is commented about the writer's creative process regarding the plot of the corpus analyzed, it is presented how Theology defines God's attributes and its classification, it is analyzed how and the reasons why Lewis assigned those attributes stablishing parallels with Jesus Christ showed on the Bible. The corpus' analysis occurred through the exam of scenes of the books *The Magician's Nephew* and *The Lion, The Witch and The Wardrobe* and took in consideration how the communicable God's attributes influenced the elements of the narrative, like time, space and characters. It is reflected about Lewis' intention on writing Aslan's character with those aspects, how communicable God's attributes must be reflected on human beings and how fictional literature is a good way of teaching those characteristics. It is also reflected through various quotations how those aspects allowed the books to impact

e influence many readers and later, with the film adaptations, also influence the audience over the years.

Keywords: God's attributes, C. S. Lewis, Chronicles of Narnia, Aslan.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da década de 2000, com o lançamento do filme *As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, a recepção da obra do escritor C. S. Lewis cresceu no Brasil. Tanto sua produção ficcional quanto os demais títulos cresceram em números de vendas e se tornaram populares. Porém, apesar deste crescimento, ainda há a necessidade do desenvolvimento de uma fortuna crítica para a obra deste autor no contexto brasileiro. C. S. Lewis foi professor de literatura medieval em Oxford e em Cambridge no século XX, produziu obras ficcionais para o público adulto, infantil e juvenil, e configurou-se como um pensador cristão. Ao longo dos últimos vinte anos suas obras ficcionais têm sido alvo de pesquisas nas áreas de Letras, Educação e Teologia.

Assim, este artigo integra a lista dos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos sobre a obra de C. S. Lewis no Brasil e visa a discussão da presença dos atributos divinos na personagem Aslam da obra *Crônicas de Nárnia*. Essa é de natureza interdisciplinar pois envolve a área da Teologia (atributos divinos) e Literatura (a obra ficcional *Crônicas de Nárnia*). Assim, o que se objetiva aqui é um diálogo entre saberes uma vez que se propõe a investigação de um tema teológico (atributos divinos) em uma obra literária. Com isso, não se pretende novo conhecimento teológico a partir do texto literário do autor, nem tampouco diminuir qualquer aspecto narrativo em detrimento da exaltação das questões teológicas.

Para o desenvolvimento desta investigação analisa-se a maneira como os atributos divinos se manifestam na personagem Aslam, e como isso reverbera nos elementos estruturais da narrativa e demais personagens. Vale destacar que o emprego de atributos divinos na personagem Aslam remete ao processo criativo de C. S. Lewis. Por meio de textos do próprio autor, pode-se perceber o que o levou a revestir a personagem Aslam desses atributos, além de ter-se condições de analisar a personagem em questão revestida desses atributos e os desdobramentos dessa combinação na trama.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Nascido no final de 1898, em Belfast, Irlanda, Clive Staples Lewis foi um escritor com milhares de cópias vendidas mundialmente e adaptações de algumas de suas obras para o cinema. Lewis ganhou destaque na Europa e nos Estados Unidos desde a segunda metade do século XX com a publicação da obra *As Crônicas de Nárnia* e com as palestras radiofônicas proferidas à BBC de Londres com a intenção de ajudar a população afetada pela Segunda Guerra Mundial. Essas são duas das três facetas conhecidas do autor apresentadas por Lopes (2017, p. 255): “[o] sucesso das *Crônicas* é apontado pela crítica como resultado das três fases concomitantes do autor: o crítico literário e professor de Oxford e Cambridge, o escritor ficcional e o apologeta cristão.”.

É possível perceber como Lewis emprega cada uma dessas facetas com um propósito em mente: “a reabilitação de valores por meio da literatura” (LOPES, 2017, p. 267). Na obra *Um Experimento na Crítica Literária*, o autor discute a respeito da necessidade de se formar o leitor por meio da imaginação e da fantasia. Tal proposta, de acordo com o Lewis, jamais proporcionará escapismo ou fuga da realidade, pelo contrário, ele entende que ver o mundo por meio do olhar das personagens na ficção permite ao leitor um maior senso crítico para o mundo real. Nas palavras do autor:

O homem que se contenta em ser apenas ele mesmo e, portanto, ser menos, vive numa prisão. Meus próprios olhos não são suficientes para mim, verei por meio dos olhos dos outros [...]. Lamento que os animais não possam escrever livros. Ficaria contente em saber que face têm as coisas para os olhos de um rato ou de uma abelha. (LEWIS, 2005, p. 120).

Ao comentar sobre isso, Alister McGrath (2013, p. 292) observa que:

Para Lewis, a narrativa de Nárnia tem a capacidade de novamente encantar um mundo desencantado. Ela nos ajuda a imaginar nosso mundo de maneira diferente. Não se trata de escapismo, mas sim de discernir níveis mais profundos de significado e valor naquilo que já conhecemos. Como Lewis ressaltou, os leitores desses seus livros infantis não desprezam “os bosques verdadeiros” porque “leram sobre bosques encantados”; pelo contrário, sua nova maneira de ver as coisas “torna todos os bosques verdadeiros um pouco encantados”.

A respeito da reabilitação de valores observada por Lopes, Joe Rigney afirma que o leitor é levado até Nárnia a fim de conseguir viver melhor em seu mundo. Comentando sobre sua própria experiência ele diz que “ao nos tirar deste mundo, Lewis faz com que nos tornemos algo que não éramos antes, algo maior e mais grandioso, para que, ao retornar pelo guarda-roupa, enfrentemos nossos Gigantes do Desespero de uma forma diferente.” (RIGNEY, 2020, n.p.)

Como escritor ficcional, Lewis tinha a intenção de abordar questões importantes para a vida que são muitas vezes esquecidas com o passar do tempo, assim como aconteceu consigo mesmo. No seu ensaio *Por vezes, os contos de fadas podem dizer melhor o que deve ser dito*, o autor explica como os contos de fadas são importantes para a propagação de valores, já que este gênero literário consegue transpor barreiras preconcebidas pelo leitor com mais facilidade que um texto acadêmico ou uma simples conversa. Lewis (2018, p. 93) nos conta que o conto de fadas foi o melhor gênero literário que ele encontrou para expressar o que pretendia dizer. Comentando sobre isto, McGrath (2013, p. 294-295) afirma que

Lewis percebeu que o bem, o mal, o perigo, a angústia e a alegria, tudo isso pode ser visto mais claramente se estiver 'imerso numa história'. Essas narrativas, através do 'realismo de sua apresentação', nos proporcionam um jeito de captar as estruturas mais profundas de nosso mundo em dois níveis: o imaginativo e o racional.

Já como apologeta cristão, Lewis deu palestras presenciais e radiofônicas e escreveu vários livros como *O Problema do Sofrimento*, *Milagres* e *Cristianismo Puro e Simples*, também podemos perceber a apologética em sua literatura ficcional. Ao escrever seus livros, o autor estava interessado em reabilitar os valores que estavam se perdendo na época do público alvo original. No período entre guerras a desigualdade social estava em níveis alarmantes e, conseqüentemente, valores essenciais foram deixados de lado. Medo da guerra, pobreza e violências, furtos e homicídios, eram parte do dia a dia do leitor da época.

Lewis percebeu que havia uma necessidade de se ensinar às crianças valores essenciais à vida. Na área da Teologia valores como honestidade, bondade, coragem são reflexos dos atributos comunicáveis de Deus. E, de acordo com a narrativa bíblica registrada no livro de Gênesis (1.26), o ser humano foi criado por Deus segundo sua imagem e semelhança e, portanto, herdou de seu criador a capacidade de ter valores. Porém, com a entrada do pecado no mundo e a queda da natureza humana, conforme a narrativa bíblica de Gênesis capítulo 3, os seres humanos se corromperam e estão impulsionados para o mal. Nessa perspectiva, é preciso, então, que se ensine os valores para que todos possam viver de forma harmoniosa em um mundo marcado pelo sofrimento.

Lewis, então, se dedica a uma obra em que pode tanto entreter e aliviar os sofrimentos do momento quanto comunicar sua visão de mundo. Segundo Lopes (2017, p. 266), o autor trabalha para encontrar o equilíbrio entre "o autor imaginativo, que dá vida às personagens tão características das *Crônicas*, e o homem ideológico, que vê 'pontes' para o cristianismo no desenrolar da criação de Nárnia". Como resultado deste trabalho, tem-se uma experiência imaginativa que "amplia nossa percepção de realidade. Depois disso, a vida no nosso mundo parece diferente" (McGRATH, 2013, p. 299).

Este sentimento transformador resulta de uma experiência definida por Lewis como "imaginativo". McGrath (2013, p. 279) explica que "o 'imaginativo' é algo produzido pela mente humana em sua tentativa de responder a algo maior do que ela mesma, lutando para descobrir imagens adequadas da realidade". Lewis entendia que o imaginativo era uma forma legítima de se usar a imaginação humana, "desafiando os limites da razão e abrindo a porta para uma apreensão mais profunda da realidade" (McGRATH, 2013, p. 279). Assim,

para Lewis, qualquer história que seja escrita apenas como um mundo “imaginário”, sem contrapartida na realidade, será decepcionante.

Lewis foi questionado acerca da validade deste estilo, se não poderia gerar um sentimento de escapismo na criança, mas ele argumentou que “nenhum outro tipo de literatura que as crianças poderiam ler lhes daria uma impressão tão verdadeira” (LEWIS, 2009, p. 746) do mundo em que vivem. Ele explica com um exemplo:

Consideremos o sr. Texugo de *O vento nos salgueiros* – amálgama extraordinário de superioridade hierárquica, maneiras bruscas, mau humor, timidez e bondade. A criança que algum dia encontra o sr. Texugo guarda para sempre, em seu íntimo, um conhecimento da humanidade e da história social inglesa que não poderia adquirir de nenhum outro modo. (LEWIS, 2009, p. 745).

É por causa dessa crença que Lewis se dedicou à escrita de personagens imaginativos que ensinem sobre a realidade humana e despertem em seus leitores qualidades e valores essenciais que eles poderão usar ao longo de suas vidas.

Lewis também foi questionado se os contos de fadas não poderiam assustar as crianças, causando um medo desnecessário por causa do perigo, violência e derramamento de sangue que aparecem ao longo das histórias. A isto ele respondeu que “tentar manter a criança alheia ao fato de que nasceu num mundo onde há morte, violência, ferimentos físicos, aventura, heroísmo e covardia, onde há o bem e o mal [...] é a atitude que dá às crianças uma falsa impressão e alimenta-as de escapismo” (LEWIS, 2009, p. 748). O contato com estes aspectos negativos da realidade é inevitável, portanto, ele argumentou ser saudável também apresentar às crianças formas para lidar com estas situações. Através das histórias é possível moldar e preparar as crianças para terem coragem de enfrentar os empecilhos. Peter Leithart (*apud* RIGNEY, 2020, n.p.) comenta:

Existem muitos mistérios na tentativa de desvendar como a leitura molda o eu [...]. Mimesis, ou imitação, é uma das realidades fundamentais na formação do eu. As crianças aprendem idioma, costumes, gestos, criação de filhos (!) e uma miríade de outros hábitos e sentimentos com seus pais, sem que um e outro façam muito esforço consciente para isso. E a dança da mimesis não termina na infância: os discípulos tornam-se como os mestres, os soldados são moldados por seus comandantes [...]. É absurdo sugerir que personagens fictícios, a quem a maioria dos leitores conhece mais intimamente que a seus próprios pais, não tenham um efeito semelhante. Os críticos antigos partiam do pressuposto de que a literatura, uma imitação da vida, apresenta modelos de imitação para o leitor.

Por isso, Lewis apresentou virtudes e valores essenciais, como mencionado anteriormente, a fim de que as crianças saibam de sua existência por meio dos exemplos narrados. Ele acreditava que os adultos devem apresentar às crianças as respostas que elas devem ter diante da vida antes mesmo delas serem capazes de perceberem que estão sendo ensinadas: “O objetivo desse ato de inculcar respostas corretas é que, quando uma criança criada dessa maneira crescer e encontrar a Verdade, a Bondade e a Beleza, ela as receberá de braços abertos, uma vez que foi preparada para isso e, de fato, já se parece com elas.” (RIGNEY, 2020, n.p.)

Por meio de sua criação literária, Lewis apresentou o mundo como ele realmente é, com coragem e covardia, beleza e feiura, honestidade e desonestidade. Por meio do conto, o leitor infantil desenvolverá habilidades para interpretar estes aspectos no seu mundo quando se deparar com eles e terá um exemplo para seguir, sabendo das consequências de seus atos. O aspecto didático do conto de fadas vai além da simples “moral da história”, é possível educar a criança sem colocar afirmações explícitas do que ela deve fazer.

2.1 O PROCESSO CRIATIVO DE C. S. LEWIS

Para se entender a aplicação que Lewis deu à personagem Aslam nas *Crônicas*, faz-se necessário tecer algumas considerações do seu processo criativo. No ensaio *Por vezes, os contos de fadas podem dizer melhor o que deve ser dito* Lewis (2018, p. 90) explica que para que uma obra de imaginação seja escrita, é necessário que duas vontades sejam despertadas: “a do autor como autor e a do autor como homem”. Enquanto autor, Lewis se deparava, vez ou outra, com imagens que poderiam se tornar histórias. Ele diz: “Eu vejo imagens. Algumas dessas imagens têm um sabor em comum, quase um mesmo aroma, que as reúne num único grupo. [...] para mim, as imagens sempre vêm em primeiro lugar.” (LEWIS, 2009, p. 750). Esta imagem é seguida por uma vontade de escrever algum gênero literário – história curta, romance, peça de teatro etc.: “quando essas duas coisas se encontram, você tem o completo impulso do Autor” (LEWIS, 2018, p. 91). Esse impulso invadia a mente do autor, dia e noite importunando “seu trabalho e seu sono e suas refeições”.

Após isto, é preciso que o homem critique este impulso literário e verifique se vale a pena se doar a este trabalho. Se todo o esforço resultará em uma obra boa, de maneira geral e não apenas literariamente, ou se será apenas frívola, trivial e pouco edificante. Lewis compara esta sensação a quando um homem se apaixona por uma mulher e passa a analisar se realmente é sábio casar-se com ela. “O impulso do Autor é um desejo” que precisa necessariamente “ser criticado pelo Homem em sua totalidade” (LEWIS, 2018, p. 92). Apenas depois de passar por essa crítica é que ele inicia seu processo de escrita.

Se você tiver muita sorte (eu nunca tive tanta), um conjunto completo [de imagens] se reunirá numa forma tão coerente que você terá uma história perfeita, sem precisar fazer nada. Mas, com mais frequência (para mim, sempre), restam algumas lacunas. É então que, por fim, será preciso inventar deliberadamente, criar razões para que determinados personagens estejam em determinados lugares fazendo determinadas coisas. (LEWIS, 2009, p. 750).

Aplicando este processo ao seu próprio trabalho nas *Crônicas*, Lewis faz o seguinte comentário:

Algumas pessoas parecem pensar que comecei me perguntando como poderia dizer algo sobre o cristianismo às crianças; então, defini o conto de fadas como instrumento; a seguir, recolhi informações sobre psicologia infantil e decidi para qual faixa etária escreveria; depois, elaborei uma lista de verdades cristãs básicas e moldei “alegorias” para incorporá-las. Isso tudo é pura bobagem. Eu não conseguiria escrever dessa maneira. Tudo começou com imagens: um fauno carregando um guarda-chuva, uma rainha em um trenó, um magnífico leão. No começo, nem havia nada de cristão sobre eles; esse elemento apareceu por vontade própria. (LEWIS, 2018, p. 92).

É preciso termos isto em mente ao analisarmos as cenas com a personagem Aslam, a fim de não cairmos no erro que outros caíram anteriormente. Precisamos lembrar que Lewis não escreveu uma história com valores e verdades bíblicas usando apenas a sua razão, de forma mecânica. Ele colocou também seu coração naquela obra, combinando seu intelecto acadêmico, com o arcabouço filosófico e o seu amor pela literatura e pelo cristianismo.

Ainda no ensaio *Por vezes, os contos de fadas podem dizer melhor o que deve ser dito*, Lewis continua contando sobre o processo criativo que gerou as *Crônicas*. Após surgirem as imagens do fauno, da rainha e do leão, e do aspecto cristão ter aparecido sobre elas, ele foi montando os acontecimentos que definiriam a história a ser contada. Lewis percebeu que a melhor Forma (gênero literário) para esta obra seria o conto de fadas. Este foi o aspecto que cativou o autor para escrever a história. Lewis descreveu que ficou apaixonado por ela e que escreveu “conto de fadas porque o conto de fadas parecia a Forma ideal para as coisas que eu tinha de dizer” (LEWIS, 2018, p. 93).

Faltava a crítica feita pelo lado do homem a esta ideia. Por este aspecto, Lewis (2018, p. 93) afirma que percebeu que histórias como esta “poderiam derrubar sorratamente determinada inibição que paralisara grande parte de minha própria religião na infância”. Ao lançar aspectos do cristianismo (aquilo que devia “sentir sobre Deus ou

sobre os sofrimentos de Cristo”) em um mundo imaginativo, ele pôde fazê-los aparecer em sua potência real aos leitores. Ele cria que, adotando este método, conseguiria passar “sorratamente por esses dragões atentos” (LEWIS, 2018, p. 93) que um dia haviam o perturbado. Ele afirma que “este era o motivo do Homem” (LEWIS, 2018, p. 93) para escrever a história.

Comentando sobre o processo de produção de uma narrativa, Wilson (*apud* MATHIS; PIPER, 2017, p. 94) diz o seguinte:

escrever uma história envolve alta teologia, e os melhores contos envolvem o tipo de alta teologia [...] Pode não parecer assim, mas para escrever uma história exuberante, é necessário fazer diversas suposições teológicas. Os grandes autores terão refletido sobre esta realidade, e os grandes autores cristãos prendem as reflexões ao que Deus nos tem revelado à história que ele está contando.

Lewis de fato fixou em seus escritos sobre Nárnia aquilo que Deus lhe revelou. Como já visto, este processo não ocorreu de forma mecânica ou forçada, mas de forma natural e inevitável, porque ao escrever desta forma ele estava apenas expressando aquilo que fazia parte de sua crença e de seu ser. Ele mesmo afirmou “para mim, as imagens sempre vêm em primeiro lugar” e que estas imagens devem contar “qual é a moral delas, pois sua moral intrínseca nasce naturalmente das raízes espirituais que você conseguiu lançar no decurso de sua vida. [...] A única moral que vale alguma coisa é a que brota inevitavelmente de toda a estrutura de caráter do autor.” (LEWIS, 2009, p. 750).

Rigney, em seu livro *Viva como um narniano*, usa sua própria vida para exemplificar como esse processo pode impactar a vida de um leitor a ponto de o acompanhar da infância até a fase adulta. Ele afirma:

Conheci Deus — o Deus verdadeiro, o Deus vivo, o Pai de Jesus Cristo — nessa e por meio dessa ebulição que Lewis chamou de Nárnia, e cresci em amor e afeição a Jesus ao respirar aquela atmosfera narniana. Na verdade, acredito que isso é exatamente o que Lewis (e Deus) planejou. Com isso, não estou sugerindo que as crônicas sejam equivalentes à Escritura, ou que a leitura delas me fez negligenciar a Bíblia. Em vez disso, meu amor por Jesus e o Livro que o revela aumentou devido ao empenho de Lewis nas crônicas. O que estou sugerindo é que recebi de Nárnia o mesmo tipo de graça, consolo, encorajamento e motivação que recebi da pregação, da liderança de pequenos grupos, dos tomos de teologia e dos escritos devocionais. (RIGNEY, 2020, n.p.)

Depois de comentar como as *Crônicas* podem ensinar o leitor (e como, de fato, lhe ensinaram) de forma orgânica a importância do verdadeiro arrependimento e da sincera confissão de pecado, Wilson (2018, p. 64) também comenta como foi impactado:

A confissão sincera possibilita que pessoas imperfeitas vivam em comunhão umas com as outras como amigos, irmãos, pais, filhos e vizinhos. Sem confissão, o pecado acumulado só se fortalece, até que destrua relacionamentos e vidas. Confissão e perdão, longe de serem assuntos cansativos de aprender, são as lições mais fundamentais e libertadoras da vida cristã, e sou profundamente grato que as histórias de Nárnia sejam capazes de ensiná-las de um modo tão claro, eficaz e vibrante.

Sabendo do potencial da literatura de passar “sorratamente por esses dragões atentos” (LEWIS, 2018, p. 93), Lewis chama atenção para o fato de que, apesar de serem contos de fadas, as *Crônicas* não são exclusivamente infantis. Ele não concordava com a associação feita entre conto de fadas e crianças, como se fosse um estilo destinado apenas para este público. Concordando com o J. R. R. Tolkien, em seu ensaio *On Fairy-Stories*, ele acreditava que “em quase todas as épocas e lugares, o conto de fadas não eram feitos especialmente para as crianças nem desfrutados exclusivamente por elas.” (LEWIS, 2009, p. 745). Lewis afirma que apenas quando este estilo perdeu a popularidade com os adultos é que foi, aos poucos, introduzido como um estilo majoritariamente infantil.

Apesar de escrever para crianças, Lewis (2018, p. 94) acreditava que “um livro que vale a pena ser lido apenas na infância não vale a pena ser lido”, ele diz: “inclino-me quase a afirmar como regra que uma história para crianças de que só as crianças gostam é uma história ruim. As boas permanecem.” (LEWIS, 2009, p. 743) E ainda que “as inibições que eu esperava que minhas histórias superassem na mente de uma criança também podem existir na mente de um adulto e talvez sejam superadas pelos mesmos meios.” (LEWIS, 2018, p. 94). Portanto, apesar de escrever para crianças, não era sua intenção dialogar apenas com o público infantil. Sua intenção era apresentar de forma palpável novas experiências que poderiam enriquecer a vida de seus leitores, tanto infantis quanto adultos. “Escrevi o que eu gostaria de ter lido quando criança e que ainda gosto de ler agora, com mais de cinquenta anos.” (LEWIS, 2009, p. 741).

2.2 ASLAM E OS ATRIBUTOS DIVINOS

Ao comentar sobre *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, no ensaio *Tudo começou com uma imagem*, Lewis afirmou “não sei de onde nem por que veio o Leão ou por que Ele veio. Mas, já que estava lá, Ele cooperou com a história toda, e logo puxou as outras seis histórias de Nárnia depois de Si” (LEWIS, 2018, p. 101). É perceptível que Aslam tem uma grande importância para a narrativa de todas as *Crônicas*. O primeiro livro escrito começou

com a “imagem de um Fauno carregando um guarda-chuva” (LEWIS, 2018, p. 101), mas foi com a chegada do Leão que toda a narrativa se desenvolveu e deu-se início às outras histórias.

Como tem sido dito neste trabalho, Lewis se preocupou desde o início com o que transmitiria através de suas histórias ficcionais. Ele se propôs tratar de verdades bíblicas que todos os seres humanos devem seguir. Estas características, que estamos chamando de virtudes ou valores, não são mais do que o puro reflexo daquilo que Deus é em sua essência e que compartilha com sua criação.

De maneira geral, os teólogos utilizam o termo “atributos de Deus” para se referirem ao estudo do ser de Deus e de atributos que Ele mesmo escolheu revelar aos seres humanos. Encontramos estudos sobre atributos divinos desde a Patrística, mesmo que sem uma definição tão clara naquela época. Tratados sobre o tema começaram a aparecer antes da Reforma Protestante, como por exemplo na obra de autores como Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino. Na Reforma, o tema foi discutido ao longo de toda a *Instituta* de João Calvino e foram feitas menções na *Confissão de Fé Belga*, na *Confissão de Fé de Westminster*, no *Catecismo Maior de Westminster* e no *Breve Catecismo de Westminster*. (FERREIRA; MYATT, 2007, p. 203-205).

Após a Reforma, teve início uma sistematização no estudo dos atributos divinos. Este movimento aconteceu em várias vertentes teológicas, com o intuito de facilitar o aprendizado. Os atributos foram classificados pelos católicos, como Negativos e Positivos; pelos luteranos, como Inativos e Operativos; pelos reformados, como Comunicáveis e Incomunicáveis. (BAVINCK, 1977, p. 146)

Berkhof (2012, p. 53) afirma que "o homem não pode extrair conhecimento de Deus como o faz dos outros objetos de estudo", portanto, não é possível estudar o ser de Deus em sua totalidade. A classificação por atributos é apenas uma tentativa de fazer um recorte para análise e entendimento de um conhecimento revelado nas Escrituras Sagradas. Destaca-se de forma sucinta exemplos de atributos que Deus comunica com sua criação.

De acordo com Berkhof (2012, p. 57), “enquanto os atributos incomunicáveis salientam o Ser Absoluto de Deus, os atributos comunicáveis acentuam o fato de que ele entra em várias relações com as suas criaturas”. Portanto podemos citar como exemplo de atributos incomunicáveis a eternidade, a imutabilidade ou a onipresença de Deus. Por outro lado, exemplificamos os comunicáveis com o amor, o conhecimento, a misericórdia ou a justiça. Os atributos comunicáveis, portanto, permitem que o ser humano desenvolva certas características que refletem o caráter divino. Herman Bavinck (2001, p. 150) exemplifica de forma clara:

Considere, por exemplo, o amor de Deus. Nós não poderíamos falar sobre ele se o atributo que o homem chama de amor não fosse, em um certo sentido, uma impressão, imagem, ou semelhança do amor que existe em Deus. Há uma certa correspondência entre o amor divino e o amor humano, ou então tudo o que nós estamos falando sobre o amor de Deus é um som vazio. Contudo essa similaridade não significa identidade. O mais puro e mais forte amor entre os homens é apenas um fraco reflexo do amor que existe em Deus.

Dessa forma, entende-se que Deus é amor e Ele comunica, ou transmite, este atributo aos seres humanos, que por isso são capazes de amar. Na perspectiva da Teologia, somente se é capaz de ser justo, misericordioso, benevolente etc., graças ao reflexo do caráter divino que Ele compartilhou com o homem. Porém, o ser absoluto de Deus é imutável, e ele não transmite este atributo aos seres humanos que por isso mudam com frequência.

Bavinck (2001, p. 150) também salienta que, por mais que o homem tenha habilidade de exercer os atributos comunicáveis, ele nunca conseguirá exercê-lo em sua plenitude. A sabedoria de Deus é um atributo comunicável, mas o ser humano jamais será capaz de ser tão sábio quanto Deus. Enquanto ser humano, o homem tenta apenas imitar os atributos que o Senhor compartilha conosco.

2.3 ANÁLISE DAS CENAS

Foram estes atributos comunicáveis que Lewis tentou apresentar nas *Crônicas*, em diversos personagens, mas mais especificamente em Aslam. Segundo Lopes (2017, p. 255) “Lewis fez uso do mito e dos contos de fadas como material criador para sua literatura, pois, de acordo com o autor, ‘o conto de fadas foi o melhor gênero literário que eu encontrei para expressar o que pretendia dizer’”. Isto mostra a já mencionada intenção do autor de apresentar os atributos divinos, ensinar verdades e gerar certas qualidades com sua literatura ficcional. Segue-se, então, a identificação de exemplos dos paralelos que encontramos entre a narrativa escrita por Lewis e a narrativa do texto bíblico.

No livro *O Sobrinho do Mago*, Lewis narra a criação de Nárnia de forma que podem ser encontradas semelhanças com a narrativa bíblica. Assim como toda matéria criada surge em resposta à ordenança de Deus de acordo com Gênesis 1.3, Nárnia surge em resposta ao canto da personagem Aslam. Lewis fez questão de destacar que todos saberiam que as estrelas estavam cantando em resposta ao canto do leão se a tivessem ouvido. O narrador diz: “Se você tivesse visto e ouvido aquilo, tal como Digory, teria tido a certeza de que eram as estrelas que estavam cantando e que fora a Primeira Voz, a voz profunda, que as fizera aparecer e cantar.” (LEWIS, 2009, p. 57).

Depois, Lewis descreve que a presença de Aslam também fez surgir a vegetação e o relevo de Nárnia: “À medida que caminhava e cantava, o vale ia ficando verde de capim. O capim se espalhava desde onde estava o Leão, como uma força, e subia pelas encostas dos pequenos montes como uma onda.” (2009, p. 59). A presença do Leão também teve efeito nos outros seres: a Feiticeira “correu, desaparecendo entre as árvores” e as crianças “temiam que se voltasse para o lado e desse com eles; mas, apesar do medo, desejavam que isso acontecesse” (2009, p. 61). As crianças não conseguiram se conter e passaram a seguir o Leão.

Seguindo adiante na criação de Nárnia, Aslam começou uma nova canção que fez surgir inúmeros animais, como toupeiras, cachorros, rãs, leopardos, borboletas, abelhas e coelhos que emergiram da terra e não demonstraram nenhum medo. O narrador descreve a cena como “um monte de terra relvosa a borbulhar como água na chaleira.” (2009, p. 63). O Leão selecionou alguns dentre os animais e lançou sobre eles um sopro. Os seres selecionados agora conseguem falar. Ele também faz surgir deuses da floresta, faunos, sátiros, anões, o deus do rio e as náíades. O Leão entregou a estes animais falantes e seres fantásticos a liderança de Nárnia, com a missão de cuidarem das matas, frutos, rios e demais animais mudos.

Em todo trecho descrito acima consegue-se fazer um paralelo entre a passagem da criação e do mandato cultural descritos no livro de Gênesis. Segundo a narrativa bíblica, Deus criou todas as coisas a partir de ordenanças. O primeiro capítulo do livro descreveu a criação da luz, dia e noite, céu, terra e mar, todo tipo de vegetação, todo tipo de seres vivos e por fim os seres humanos. Desta descrição procedeu toda autoridade divina. Pode-se citar inúmeras citações bíblicas que demonstram isto.

Em uma passagem do livro de Isaías, encontra-se o próprio Deus dizendo: “Desde a eternidade, eu sou Deus; não há quem possa livrar alguém de minha mão, não há quem possa desfazer o que eu fiz” (Is 43.13 - NVT). Nos Salmos, ele também destaca: “Pois são meus todos os animais dos bosques, e sou dono do gado nos milhares de colinas. Conheço cada pássaro dos montes, e todos os animais dos campos me pertencem. [...] meu é o mundo inteiro e tudo que nele há” (Sl 50.10-12 - NVT). No livro de Deuteronômio, no meio de seu discurso, Moisés afirma: “Veja, os mais altos céus e a terra, e tudo que nela há, pertencem ao Senhor, seu Deus” (Dt 10.14 - NVT). Em 1 Crônicas, Davi louva ao Senhor dizendo: “Ó Senhor, a ti pertencem a grandeza, o poder, a glória, a vitória e a majestade. Tudo que há nos céus e na terra é teu, ó Senhor, e este é teu reino. [...] pois tu governas sobre tudo. Poder e força estão em tuas mãos” (1Cr 29.11-12 - NVT). Nos Salmos, o salmista afirma: “O Senhor faz tudo como deseja, nos céus e na terra, nos mares e em suas

profundezas” (Sl 135.6 – NVT). Podemos listar muitas outras citações como exemplo: Sl 115.3; 145.11-13; Jr 27.5; At 17.24-26; Ap 19.6.

Com esta cena do primeiro livro das *Crônicas*, C. S. Lewis destacou aspectos importantes para um mundo que foi criado por um ser superior. Neste pequeno trecho o autor trouxe à mente e à imaginação dos leitores, infantis ou não, questões como “quem criou o meu mundo?”, “como devo agir diante deste ser criador?”, “como este ser se relaciona com as suas criaturas?”. Todas estas questões ecoam na imaginação até que se busquem as respostas.

Fazendo paralelo à autoridade divina, Lewis claramente baseou a autoridade de Aslam no fato dele ter criado aquele mundo. Em vários momentos a personagem deixou claro que aquela terra o pertence: “há uma feiticeira na *minha* nova terra de Nárnia”, “antes que o mundo limpo e novo que *lhes dei...*” (LEWIS, 2009, p. 73-74. Grifo nosso). Por ter esta autoridade, Aslam escolhe o primeiro casal que irá reinar e, obviamente, ter autoridade sobre Nárnia. A *Crônica* descreve que Aslam perguntou ao cocheiro se ele gostaria de viver em Nárnia para sempre. O cocheiro afirmou que apenas na companhia de sua esposa Nelita poderia viver ali. Então o Leão a trouxe até aquele lugar com um longo chamado. Os dois aceitam o convite e são encarregados de governar Nárnia.

É interessante analisar o contraste entre as outras figuras de autoridade que aparecem ao longo da narrativa e as figuras que Aslam surpreendentemente escolhe como rei e rainha de Nárnia. Tio André acredita ser um grande mago e que por isso não precisa respeitar as regras morais que se aplicam aos outros. Em determinado momento ele diz a Digory:

Está querendo dizer que os meninos devem cumprir suas promessas. Muito bem, estou gostando de ver. Mas também deve admitir que essas regras morais, embora excelentes para as crianças... e para a criadagem... e para as mulheres... e para as pessoas em geral... não podem ser aplicadas aos grandes estudiosos, aos grandes sábios, aos grandes pensadores. Não, Digory! Homens como eu, conhecedores da sabedoria oculta, não estão amarrados a essas regras vulgares... do mesmo modo como estamos distanciados dos prazeres vulgares. Nosso destino, meu filho, é solitário, mas está acima de tudo. (LEWIS, 2009, p. 18).

Jadis, a última imperadora de Charn e futuramente conhecida como a Feiticeira Branca em *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, claramente acredita estar acima das normas e leis às quais todos os demais seres estão submetidos. Em certo momento ela também diz a Digory:

Por um momento eu me esqueci de que você não passa de um menino plebeu. Como iria entender as razões de Estado? Precisa aprender uma coisa, criança: o que talvez seja errado para você, ou para qualquer pessoa comum, não é errado para uma rainha como eu. A responsabilidade do mundo pesa sobre os nossos ombros. Precisamos estar livres de todas as normas. Nosso destino é grandioso e solitário. (LEWIS, 2009, p. 38-39).

Lewis demonstrou como essas personagens acreditaram ser detentoras de algum tipo de autoridade e que elas não sabiam lidar com uma autoridade acima da que acreditavam ter. Isso fica claro ao se analisar as reações que eles têm ao entrarem em contato com Aslam. Em todos os momentos, Tio André tem reações estranhas: “Desde que os bichos apareceram, tio André foi se encolhendo cada vez mais na moita”, “A canção fazia com que sentisse e pensasse coisas que não queria sentir nem pensar”, “Passou a ouvir apenas rugidos na canção de Aslam.” (LEWIS, 2009, p. 69) Enquanto o Cocheiro, ao ouvir a canção, pede silêncio a todos: “Quero ouvir a música.” (LEWIS, 2009, p. 58). Mais adiante, ao encontrar Aslam frente a frente, ele age humildemente, reconhecendo sua autoridade: “deu olhada para o Leão e tirou a cartolinha” (LEWIS, 2009, p. 74). Logo nos contatos iniciais com Aslam a Feiticeira Jadis “de boca fechada, lábios contraídos, punhos cerrados, desde que a canção começara, sentia que aquele mundo se enchia de uma magia diferente da sua, e mais forte. E ela a detestava. Teria, se pudesse, esmagado aquele mundo, todos os mundos, só para interromper o canto.” (LEWIS, 2009, p. 57). Enquanto Nelita “quando viu o Leão, começou a duvidar de que era um sonho, mas, surpreendentemente, não demonstrava muito medo.” (LEWIS, 2009, p. 75).

Percebe-se a clara diferença entre os personagens que acreditam ser dignos de obediência acima de tudo e os personagens escolhidos por Aslam para exercerem autoridade sobre Nárnia. O cocheiro e sua esposa reconhecem a autoridade do Leão e em nenhum momento questionam a sua autenticidade. Como Wilson (2018, p. 19) destaca: “Uma das melhores coisas que C. S. Lewis nos ensina é que a verdadeira autoridade só pode ser exercida por líderes que se alegram em submeter-se à autoridade.” Lewis deixou claro sua crença de que qualquer autoridade deve estar submetida à autoridade divina, pois é Ele “quem remove reis e estabelece reis”, segundo nos diz Daniel 2.21. Só podemos imaginar quantos leitores foram apresentados a esse conceito de autoridade ou tiveram seus conceitos transformados com este ensinamento do autor.

Além de tratar sobre a criação de Nárnia, o autor também apresentou a queda e a introdução do mal neste mundo. Por causa de Digory, a feiticeira entrou em Nárnia, atacou “o Leão bem entre os olhos” e depois desapareceu “entre as árvores.” (LEWIS, 2009, p. 61). Ao ser questionado por Aslam, Digory confessou que a despertou por curiosidade, sem dar

ouvidos a Polly. “Vejam só, companheiros” disse o Leão “antes que o mundo limpo e novo que lhes dei tivesse sete horas de vida, a força do Mal já o invadiu; despertada e trazida até aqui por este Filho de Adão.” (LEWIS, 2009, p. 74) Assim como na narrativa bíblica, que afirma que o mal entrou no mundo por causa do pecado humano - “por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado veio a morte” (Rm 5.12), na narrativa narniana o mal também entrou por causa de um erro humano. E da mesma forma como o ser humano deve trabalhar para restaurar a terra e obter dela seu sustento segundo a narrativa bíblica (Gn 3.17), Aslam determina “como a raça de Adão trouxe a ferida, que a raça de Adão trabalhe para saná-la.” (LEWIS, 2009, p. 74). Pode-se ver também um paralelo com o mandato cultural, que está descrito no segundo capítulo de Gênesis em que Deus designou o ser humano como uma espécie de cuidador da terra (Gn 2.15). Como já visto, Aslam também designou um casal para liderar e cuidar de Nárnia. “Reinarão sobre estas criaturas e a elas darão nomes, e farão justiça, e as protegerão dos inimigos quando os inimigos vierem. E eles virão, pois há uma feiticeira do mal neste mundo.” (LEWIS, 2009, p. 75).

Antes de encerrar a análise da primeira crônica, é necessário considerar outro aspecto adicionado por Lewis: a esperança escatológica, tão conhecida dos cristãos, por meio da fala de Aslam sobre os dias que virão:

Mas não se deixem abater. O mal virá desse mal, mas temos ainda uma longa jornada, e cuidarei para que o pior caia em cima de mim. Por enquanto, providenciemos para que, por muitas centenas de anos, seja esta uma terra de júbilo em um mundo jubiloso. (LEWIS, 2009, p. 74).

Se no primeiro livro das *Crônicas* Lewis tratou da criação e da queda de Nárnia e usou Aslam para apresentar o conceito de um ser criador, no segundo livro - *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* – ele mostrou o conceito que na Teologia é chamado de redenção e usou a personagem como redentor. Este é um dos temas centrais para o cristianismo, por isso, muitas foram as discussões ao longo dos tempos acerca da interpretação da morte de Cristo. Antes de analisar como o tema foi tratado na obra, é preciso salientar que o autor não teve a intenção de fazer um paralelo exato da expiação dos pecados por Cristo com o sacrifício de Aslam em favor de Edmundo. No livro *O Problema do Sofrimento*, o próprio Lewis “argumenta que qualquer *teoria* da expiação é *secundária* se comparada à sua realidade”, e diz que essas teorias “não me fazem bem, e não vou inventar outras” (LEWIS *apud* McGRATH, 2013, p. 306). Ainda em suas palavras:

Sabemos que Cristo foi morto em nosso favor; que sua morte lavou-nos os pecados; e que, morrendo, ele desarmou a própria morte. Essa é a fórmula. Esse é o cristianismo. É nisso que devemos crer. Quaisquer teorias que construirmos sobre como a morte de Cristo fez tudo isso são, a meu ver,

muito secundárias: são meros planos ou diagramas que devemos deixar de lado se não nos servirem. E mesmo quando nos servem, essas teorias não devem ser confundidas com o fato em si. (LEWIS *apud* McGRATH, 2013, p. 306).

Portanto, não é correto afirmar que houve essa intenção por parte do autor ou polemizar sobre o que ele estaria querendo dizer acerca da morte de Cristo quando escreveu sobre a morte da sua personagem. Apesar de características intencionalmente semelhantes entre as duas narrativas, existem também diferenças intencionais. Na narrativa bíblica, Jesus Cristo se entregou à morte para salvar todos os eleitos e para restaurar toda a criação, pagando o preço pelo pecado de Adão e instaurando o Reino de Deus sobre o cosmo. Na narrativa escrita por Lewis, Aslam acabou com o inverno que dominava Nárnia com o poder de sua presença. Ele se sacrificou apenas para salvar Edmundo da Feiticeira Branca, que tinha direito ao seu sangue por ser um traidor.

O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa narra as aventuras que os irmãos Pedro, Suzana, Edmundo e Lúcia vivem quando descobrem uma passagem para Nárnia dentro de um antigo guarda-roupa. Neste momento, Nárnia está passando por um terrível inverno e os irmãos conhecem vários dos animais e seres fantásticos que foram apresentados no livro anterior. Entre eles estão o Sr. Tumnus, um fauno que rapidamente faz amizade com Lúcia, e o Sr. e a Sra. Castor, dois castores falantes que recebem as crianças em casa para um jantar. Eles descobrem que Jadis ou Feiticeira Branca, também apresentada na primeira crônica, está governando Nárnia e impedindo a chegada do verão.

“Dizem que Aslam está a caminho; talvez até já tenha chegado.” (LEWIS, 2009, p. 113). Com estas palavras do Sr. Castor, Lewis introduz a esperança redentiva na sua obra. Aslam, além de Criador, agora é apresentado como salvador de Nárnia. Baseados na profecia feita pelo próprio Leão, os narnianos esperam a sua volta. Encontra-se nisto paralelos com a narrativa bíblica. Deus além de Criador também é em Cristo, aquele que tem “toda a plenitude de Deus” (Cl 2.9), Redentor do universo criado. Assim como os judeus aguardavam a vinda do Messias para restaurar Israel, os narnianos esperam a volta de Aslam para que haja restauração em Nárnia.

Mais uma vez usando o Sr. Castor, Lewis apresentou a seguinte profecia: “O mal será bem quando Aslam chegar, ao seu rugido, a dor fugirá, nos seus dentes, o inverno morrerá, na sua juba, a flor há de voltar” (LEWIS, 2009, p. 137). Vê-se o papel restaurador que o autor dá à personagem nesse contexto. Um paralelo com a narrativa bíblica que se pode fazer é por meio do texto de João 1.4-5: “a vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela”. É notória a semelhança das descrições entre o poder de Cristo como luz contra as trevas e o poder de

Aslam trazendo a primavera e o fim do inverno. A apresentação deste conceito redentivo pode levar o leitor a questionar sua própria realidade e se perguntar o que aconteceu com o seu mundo para que ele ficasse tão tenebroso, perverso, violento e mal, assim como aquela Nárnia congelada, sofrendo com o inverno sem fim e sob o governo de uma rainha má? E mais, onde está a esperança neste mundo que o leitor vive, será que existe alguém capaz de destruir este mal e mudar a direção para a qual o mundo caminha? Os questionamentos levantados por Lewis em sua narrativa ecoam na vida dos seus leitores fora de Nárnia até encontrarem algum tipo de resposta.

Seguindo adiante, o autor descreveu como as crianças sentiram-se quando ficaram sabendo da existência desse Leão:

Ao ouvirem o nome de Aslam, os meninos sentiram que dentro deles algo vibrava intensamente. Para Edmundo, foi uma sensação de horror e mistério. Pedro sentiu-se de repente cheio de coragem. Para Susana foi como se um aroma delicioso ou uma linda ária musical pairasse no ar. Lúcia sentiu-se como quem acorda na primeira manhã de férias ou no princípio da primavera. (LEWIS, 2009, p. 133).

É interessante notar como Lúcia se sentiu pois é uma espécie de profecia sobre o que irá acontecer mais para frente. Podemos notar também que para Edmundo não foi uma sensação agradável saber sobre Aslam. O leitor mais atento e que conhece o primeiro conto sabe o que isto significa. Depois de conhecer mais sobre o Leão, Edmundo decidiu descobrir o outro lado da história. Ele partiu, então, para conhecer a Feiticeira Branca e acabou revelando a presença dos irmãos em Nárnia. Com a traição de Edmundo, a Feiticeira partiu em uma perseguição para impedir a chegada de Aslam e o fim do seu reinado.

O narrador descreveu como a chegada do Leão restaura o clima da região: “Os tapetes relvados iam aumentando e as extensões nevadas diminuam. [...] Deliciosos raios de sol projetavam-se sobre a floresta, enquanto, lá no alto, o céu azul olhava entre as copas das árvores.” (LEWIS, 2009, p. 155) “A dez quilômetros de distância da feiticeira, os castores e as três crianças caminhavam no que lhes parecia o melhor dos sonhos. Havia muito que tinham abandonado os casacos.” (LEWIS, 2009, p. 158) Ao analisar este papel de Aslam, pode-se fazer um paralelo com o papel de Cristo como restaurador da criação.

Wolters explica que a redenção bíblica abrange não apenas a salvação individual, mas a restauração de toda a vida criacional, ou seja, a restauração proporcionada por Cristo inclui também a natureza, a sociedade, a cultura, o comércio etc. Todas as relações do ser humano passam a ter possibilidade de restauração em Cristo, seja com outro ser humano, com qualquer outra coisa criada ou até com o próprio Deus. Ele afirma que “a humanidade,

que estragou o seu mandato original e toda a criação, recebe outra oportunidade em Cristo; somos restabelecidos como administradores de Deus sobre a terra. A boa criação original deve ser restaurada.” (WOLTERS, 2006, p. 80). Assim como a presença de Aslam em Nárnia acaba com o inverno rigoroso e traz de volta a primavera, a presença de Cristo na Terra acaba com o domínio do pecado e dá a possibilidade para que a criação floresça e se desenvolva em conformidade com a vontade inicial de Deus.

O narrador conta que, mesmo com a presença de Aslam em Nárnia, ainda era necessário resolver algumas questões. A Feiticeira sabe que tem direito ao sangue do traidor, por isso Edmundo deve ser entregue e sacrificado. Porém, Aslam assumiu o lugar do menino e se entregou para ser morto. “Quem venceu, afinal?” – diz a Feiticeira – “Louco! Pensava com isso poder redimir a traição da criatura humana?! [...] Compreenda que você me entregou Nárnia para sempre, que perdeu a própria vida sem ter salvo a vida da criatura humana.” (LEWIS, 2009, p. 171). McGrath (2013, p. 307) comenta que “a cena é tão comovente quanto horrenda, e se assemelha em alguns pontos — não em todos — aos relatos do Novo Testamento sobre as horas finais de Cristo no Getsêmani e sua subsequente crucificação.”.

Aslam se sacrificou apenas para salvar a vida de Edmundo. Lewis apresentou uma grande lição sobre a autoridade e amor sacrificial. Se em *O sobrinho do mago*, o leitor conheceu o Tio André, com sua crença de que merece ser reverenciado por todos e que “nenhuma alta sabedoria pode ser atingida sem uma dose de sacrifício. Mas a idéia de que o sacrificado deva ser eu mesmo é completamente ridícula” (LEWIS, 2009, p. 20-21), nesta narrativa o leitor percebe mais uma vez porque a verdadeira personagem que merece reverência e ter toda a autoridade é Aslam. O paralelo bíblico é claro, Jesus é detentor de toda a autoridade e poder, mas ainda assim se sacrifica por aqueles a quem ama. A narrativa bíblica afirma que “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos.” (João 15:13 - NVI). Wilson (2018, p. 39) afirma que é “a autoridade sacrificial de Aslam, que estabelece o padrão para todos os seus seguidores ao doar-se a si mesmo. O mundo, como Jadis, a Feiticeira Branca, considerou essa ideia completamente tola, mas é porque não entendeu a “magia ainda mais profunda” em ação.”. O que Aslam chamou de “magia ainda mais profunda” que existe “além da aurora do tempo” (LEWIS, 2009, p. 174) permitiu que a morte ande para trás e que ele volte a vida.

Alister McGrath (2014, p. 212), ao comentar esta crônica, afirma que ela "tornou-se um clássico infantil, mostrando a notável capacidade de Lewis de envolver a imaginação e usá-la para abordar algumas das grandes questões da vida - como a existência de Deus e a doutrina da Encarnação." Lewis também desperta nos leitores questionamentos acerca da verdadeira autoridade e do amor sacrificial.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a apresentação de conceitos bíblicos (Criação, Queda e Redenção), de valores essenciais à vida (perdão, arrependimento, honestidade) e de características também apresentadas na Bíblia (autoridade sacrificial e amor pelo próximo) Lewis transmite grande sabedoria aos seus leitores por meio de um entretenimento saudável que pode ser consumido por todas as idades. Douglas Wilson sintetiza isto ao dizer que as suas “histórias não são apenas meios para meter informação na cabeça das pessoas; são algo que podemos amar pelo valor intrínseco que possuem.” (2018, p. 125) Após análise neste artigo, foi possível perceber como *As Crônicas de Nárnia* alcançou o objetivo do seu autor, pois entretém e transmite valores e verdades bíblicas ao leitor.

4. REFERÊNCIAS

- BAVINCK, Hemann. *Teologia sistemática: fundamentos teológicos da fé cristã*. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP, 2001.
- BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- LEWIS, C. S. *As Crônicas de Nárnia*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____. *Sobre Histórias*. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.
- LOPES, Cristiano Camilo. *E o filme gerou o leitor: um estudo sobre As Crônicas de Nárnia no Brasil*. 2017. *Teoliterária - Revista de Literaturas e Teologias*, v. 7, n. 14, p. 252-275, 2017.
- Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/teoliteraria/article/view/35048>>. Acesso em: 28 mar. 2019.
- MATHIS, David; PIPER, John (Ed.). *O racionalista romântico*. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017.
- McGRATH, Alister. *Conversando com C. S. Lewis*. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- _____. *A vida de C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.
- RIGNEY, Joe. *Viva como um narniano: Discipulado cristão nas Crônicas de Lewis*. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2020. (ebook)
- WILSON, Douglas. *O que aprendi em Nárnia*. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018.
- WOLTERS, Albert M. *A criação restaurada: base bíblica para uma cosmovisão reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.